

REFLEXOS DA CONSTRUÇÃO DA FERROVIA NA COLÔNIA MACIEL E ESCOLA GARIBALDI - (1940-1950)

RENATA BRIAO DE CASTRO¹; PATRÍCIA WEIDUSCHADT²

¹ Universidade Federal de Pelotas – renatab.castro@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – prweidus@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo analisar a construção de uma ferrovia na Colônia Maciel durante a década de 40 do século XX e os reflexos dessa na localidade, bem como na instituição escolar, Escola Garibaldi. Para realizar tal propósito, utilizam-se como fontes para a pesquisa, dois jornais do município de Pelotas – Diário Popular e A Opinião Pública –, entrevistas realizadas pelas pesquisadoras e também narrativas salvaguardadas em um banco de dados no Museu Etnográfico da Colônia Maciel (MECOM). Esta ferrovia ligou os municípios de Pelotas e Canguçu e se configurou, na época, como o principal meio de deslocamento dessas pessoas de uma cidade para a outra e também da zona rural para a urbana. Para a sua construção, vieram pessoas externas à Colônia Maciel. Como o período de trabalho foi grande, instalaram-se na localidade familiares desses trabalhadores. Por conseguinte, as crianças dessas famílias foram estudar na Escola Garibaldi. Necessário pontuar, o quanto esse acontecimento marcou os moradores da localidade. Na instituição escolar um dos reflexos sentidos de forma mais imediata foi o aumento do número de alunos, conforme será explicitado a seguir. Importante mencionar que esse estudo está dentro de uma pesquisa maior que é a dissertação de mestrado, a qual vem sendo desenvolvida no campo da história da educação com o objetivo de investigar a história da instituição educativa, para tal busca-se apoio em Magalhães (2004).

2. METODOLOGIA

No que tange à metodologia utiliza-se a análise documental com base em Cellard (2008) Conforme o autor, para analisar documentos é necessário integrar uma série de elementos. É preciso avaliar o contexto no qual esses documentos foram produzidos, os autores, o tipo de documento e o modo de produção deste, a fim de analisar de forma completa as fontes da pesquisa. Percebemos a necessidade de contextualização tanto dos documentos analisados quanto do recorte temporal estabelecido, bem como o lugar estudado. Para as entrevistas realizadas estas seguiram os preceitos da história oral, com base em Ferreira e Amado (2006), Meihy e Holanda (2014). Para discutir entrevistas salvaguardadas como acervo utilizamos as reflexões de Grazziotin e Almeida (2012). Para os jornais nos apoiamos em Tania de Luca (2015).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para pensarmos acerca do objetivo proposto, utilizam-se as reflexões acerca do pertencimento e da identidade étnica, bem como o sentimento de italianidade, proposto por Luchese (2007). Para discutir sobre a não aceitação do novo grupo pelo grupo local utilizamos as reflexões de Elias e Scotson (2000) sobre os estabelecidos e os *outsiders*. Explicitando de forma breve, a comunidade local não aceita de forma natural outro grupo, o qual não tem os mesmos valores, hábitos e costumes. Por se tratar de um grupo étnico infere-se que há questões de identidade estabelecidas nesse contexto. Os dados foram analisados em duas vertentes, uma mais relacionada aos reflexos da construção dessa ferrovia na

localidade de forma mais ampla e outra mais especificamente a instituição escolar, Escola Garibaldi. Nesse momento, é necessário dissertar sobre o pertencimento étnico e as questões permeadas por aspectos identitários¹, tendo em mente, que a constituição da comunidade da Colônia Maciel se deu devido ao processo imigratório no final do século XIX. A identidade deve ser pensada como algo construído e que vai se modificando ao longo do tempo e nesse contexto está interligada com o pertencimento étnico local.

Weiduschadt (2007) explica que a identidade se dá a partir da demarcação de diferenças e exemplifica abordando a partir de sua pesquisa com a etnia pomerana. Neste grupo há necessidade de demarcação da identidade étnica por saberem que não são lusos. Assim sendo, no contexto aqui analisado da Colônia Maciel no período de construção da ferrovia, relacionam-se os conflitos existentes entre os dois grupos com questões identitárias, sobretudo étnicas, uma vez que os “novos moradores da localidade” não pertenciam aquele grupo étnico da comunidade e nesse contexto se diferenciavam. Aliado a isso, o fato desse grupo que se instalou na localidade serem moradores temporários sem vínculos estabelecidos com a comunidade.

É perceptível que o acontecimento da construção da estrada de ferro foi algo marcante na comunidade nesse momento. Um número considerável de pessoas de fora se fixaram na localidade, o que ocasionou uma mudança no cotidiano do local. E obviamente a instituição não esteve de fora desse evento.

A partir da pesquisa nos jornais (Diário Popular e A Opinião Pública) pode-se perceber que a construção dessa ferrovia foi muita noticiada pela imprensa local, desde o seu projeto de construção até a sua inauguração. De acordo com os periódicos, essa ferrovia teria como traçado inicial ligar os municípios de Pelotas no sul do estado a Santa Maria na região central. Independente de o caminho a seguir, a ferrovia partindo de Pelotas passaria pelo município vizinho de Canguçu, sendo iniciada por esse trajeto a construção. Porém, a ferrovia só chegou até o município de Canguçu no ano de 1950. No que diz respeito aos reflexos da construção da ferrovia na escola, o primeiro deles foi o aumento do número de alunos no espaço escolar, visto que os filhos das famílias que se instalaram na Maciel foram estudar na Escola Garibaldi.

O que se percebe, através da análise dos documentos da escrituração escolar é um aumento dos alunos durante os anos de 1943 a 1948, período da construção. Para além do aumento no número de alunos, as narrativas ressaltam que os alunos dessas famílias que vieram para a construção da estrada de ferro eram mais atrasados e mais bagunceiros em relação aos outros, o fato de haver maior desordem na sala de aula no que se refere à disciplina dos alunos. Segue algumas dessas falas das entrevistas realizadas:

Sim. Tinha muita gente, tinha bastante aluno uma época, a época da construção da estrada de ferro, aumentou os alunos.

Vinha gente de fora para trabalhar?

Ah veio muita gente de fora e as crianças estudavam ali [...] alguns eram assim mais arteiros neh (J. C, 2015).

Como era no período que o senhor estudava na escola?

Ah, tinha um professor só, sei lá eu lembro que naquela época estavam construindo a estrada de ferro que existia ai, então tinha, eu nem sei de onde veio tanta gente, devia ser lá da Serra. Tinha gente ai, deveria ter naquele colégio uns 80 alunos estudando, aquilo era da 1^a a 4^a série tudo misturado aquilo eu nem sei como o professor, ele chegava a ficar atacado. Um colégio pequeno ai, tudo misturado aquilo, sei lá se ve pessoas pobres que trabalhavam na estrada até a própria educação

¹ Para aprofundar sobre identidade ver Hall (2000) e Woodward (2000).

seria difícil, para ele era difícil, naquele tempo era muito difícil (P. P, 2015).

Outra narrativa observa sobre a estrada de ferro e a Escola Garibaldi:

E: É que uma época aí estavam trabalhando na estrada de ferro, que existia aí né. E, então, isso existia gente aí de tudo que era lado. Nem sei de onde que vinha, vieram tanta gente. A beira da estrada aqui era tudo com a casinha aqui... Ranchinho né. E aí... Por isso que existia setenta e tantos alunos aí, porque tinha toda essa gente pra estudar. Não era todos daqui da região, pra estudar (P. P, 2015).

Nesses trechos das entrevistas é possível perceber que houve na escola, nesse período, como na colônia de forma geral, uma mudança no cotidiano escolar. A construção da ferrovia misturou a comunidade e a escola esteve dentro desse processo. Os moradores da localidade, os quais foram sujeitos da história oral, mencionam que essa convivência entre os dois grupos não ocorreu de forma sempre harmônica, sendo comuns alguns conflitos nessa época, inclusive nos momentos de sociabilidade do grupo, tais como em festas e bailes.

E²: Mas isso foi um fervo aí nessa estrada, que vocês nem queiram saber. Bom, isso aí eu acho que tinha, isso só mesmo, nem sei aonde podia descobrir. Pelos ranchinhos, pelo movimento de gente que tinha, acho que tinha mais de 2000 pessoas trabalhando aí. [...]

E: Isso deve ter aumentado o número de gente no colégio né?

E: Mas... Esse coleginho ali que vai ser o museu, aquilo ali, a primeira classe, acho que nós não tinha essa distância aqui do quadro. E até no fundo lá, encostado na parede. Duas filas de classes assim... Cheinho. Sentava quatro alunos enfileirados, em cada classe. De manhã, de tarde.

P: Quantos alunos chegou a ter?

E: Parece-me que de manhã era 72. Um aluno, um professor só, dando aula .

P: E dava muita briga?

E: É acho que se saía alguma festinha ali na Maciel, baile, dança, então tiveram que parar por que o pessoal da estrada de ferro brigava demais (MECOM 14).

Conforme expomos nesse texto, é perceptível que essa construção da estrada de ferro na localidade mudou a rotina do lugar durante o período de tempo em que outras pessoas se fixaram na Colônia Maciel. Por se tratar de um grupo étnico tratamos aqui das questões de identidade, sobretudo a étnica.

4. CONCLUSÕES

Com o objetivo de analisar os reflexos da construção dessa estrada de ferro na localidade da Colônia Maciel e na Escola Garibaldi, elencam-se alguns pontos relevantes, a partir das fontes estudadas à luz da teoria mobilizada. Percebe-se que esse acontecimento da construção da ferrovia está presente na memória dos entrevistados. Igualmente, nos periódicos – Diário Popular e A Opinião Pública – há significativo número de reportagens sobre essa ferrovia, o que denota uma expectativa do público nessa obra. Se por um lado, a ferrovia trouxe benefícios para a cidade e para as populações por onde seu traçado passou, da mesma forma alguns moradores da localidade pesquisada Colônia Maciel trabalharam nessa construção como um meio de renda dada a estiagem ocorrida em alguns anos. Por outro lado, a convivência cotidiana entre os dois grupos, os moradores locais e os temporários ou para retomar a expressão de Elias e Scotson (2000) os estabelecidos e *outsiders*, nem sempre ocorreu de forma natural. Houve conflitos

² Nestas entrevistas que são acervos foram utilizadas da maneira que estavam transcritas, porém optou-se por referir o pesquisador pela letra **P** e o entrevistado pela letra **E**.

e divergências entre os dois grupos, inclusive no espaço escolar. Os entrevistados, alunos da Garibaldi relembram que era um período com muitos alunos e mais difícil para a aprendizagem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A OPINIÃO PÚBLICA. **Edições de 1928 a 1950.** Biblioteca Pública Pelotense, Pelotas/RS.

CELLARD, André. A análise documental. In: **POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos (org).** Petrópolis: Vozes, p. 2010-2013, 2008.

DIÁRIO POPULAR. **Edições de 1928 a 1950.** Biblioteca Pública Pelotense, Pelotas/RS.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder de uma comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes; Amado Janaína (orgs.). **Usos e abusos da História Oral.** 8.ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Romagem do tempo e recantos da memória:** reflexões metodológicas sobre História Oral. São Leopoldo: Oikos, 2012.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? IN: SILVA, Tomás T. da (org.).

Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

J. C. depoimento [jun. 2015]. Entrevistadora: Renata Brião de Castro, 2015, Pelotas. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

LUCHESE, Terciane Ângela. **O processo escolar entre imigrantes na região colonial italiana do Rio Grande do Sul, 1875 a 1930:** leggere, scrivere e calcolare per essere alcuno nella vita. 2007. 495f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

M. E. C. depoimento [ago. 2015]. Entrevistadora: Renata Brião de Castro, 2015, Pelotas. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

MAGALHÃES, Justino. **Tecendo nexos.** História das instituições educativas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco - EDUSF, 2004.

MECOM. Banco de imagens e sons do Museu Etnográfico da Colônia Maciel, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral:** como fazer, como pensar. 2.ed. 3.reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

O. C. depoimento [jul. 2015]. Entrevistadora: Renata Brião de Castro, 2015, Pelotas. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

P. P. depoimento [jul. 2015]. Entrevistadora: Renata Brião de Castro, 2015, Pelotas. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

WEIDUSCHADT, Patrícia. **O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX: identidade e cultura escolar.** 2007. 256 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Pelotas, 2007.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, Tomás T. da (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-73.